

PATRICIA FAUR

# AMORES QUE MATAM

Quando um relacionamento inadequado pode  
ser tão perigoso quanto usar uma droga

*Tradução de* MARLOVA ASEFF

[www.lpm.com.br](http://www.lpm.com.br)

**L&PM** POCKET

*Para Eduardo*

*Para Rosita, Regina, Roberto, Eduardo, Hilda e Viviana*

*Para Michi, Nico, Flor, Alex, Cande*

*Os bons amores*

## SUMÁRIO

---

Agradecimentos .....	11
Prólogo .....	13
Introdução.....	17

### PRIMEIRA PARTE

#### **O vício em relacionamentos**

1.1. Um vício sem substância .....	23
1.2. “Sem você, eu morro; com você, também” .....	27
<i>O último round</i> .....	36

### SEGUNDA PARTE

#### **O começo**

2.1. A paixão .....	39
<i>Fiquei sem “voz”</i> .....	42
2.2. A primeira tragada .....	44
<i>Picasso: uma pincelada fatal</i> .....	50
2.3. A embriaguez do amor .....	52
<i>O “verso” do capitão</i> .....	56
<i>A última névoa</i> .....	57
2.4. Conheço você de algum lugar .....	59
<i>A discípula temida</i> .....	61
<i>A que morreu de amor</i> .....	63
2.5. Para dançar tango, é preciso dois.....	65
<i>“Star 80”</i> .....	67
<i>Até que o fogo nos separe</i> .....	68

## TERCEIRA PARTE

### **A desilusão**

3.1. O ocaso dos deuses ou o rompimento da paixão .....	71
<i>O último filme de Marie</i> .....	75
<i>O céu é o limite</i> .....	76
3.2. Golpes que não deixam marcas visíveis: a violência emocional.....	78
<i>Paz e amor... E morte</i> .....	90

## QUARTA PARTE

### **Quando ajudar faz mal**

4.1. S.O.S. Codependência: os salvadores e os resgatadores .....	95
<i>A Terra do Nunca</i> .....	102
<i>O caso da atriz e do poeta bêbado</i> .....	104
<i>113 Punhaladas</i> .....	105

## QUINTA PARTE

### **Estresse conjugal**

5.1. Vínculos estressores ou protetores? .....	107
<i>Eu me desvelava por ela</i> .....	112
<i>Um presente fatal</i> .....	114
5.2. Psicoimunoneuroendocrinologia: estresse conjugal .....	115
<i>O fantasma de Felicitas</i> .....	122
<i>Balada de uma louca</i> .....	124

## SEXTA PARTE

### **Dependências afetivas**

6.1. As dependências afetivas no contexto científico ....	127
-----------------------------------------------------------	-----

## SÉTIMA PARTE

### **A recuperação**

7.1. Intimidade: amar de cara limpa .....	135
7.2. Deixar de ser vítima .....	138
7.3. Resiliência: a transformação é possível .....	142
<i>Testemunhos anônimos das integrantes do grupo de dependências afetivas .....</i>	<i>146</i>
7.4. O caminho da recuperação.....	156
 Bibliografia sugerida para dependências afetivas ...	 181

## **AGRADECIMENTOS**

À Marilén Stengel, escritora que propiciou este livro e soube estar no momento certo com a palavra exata.

À Dra. Elena Levin, psiquiatra, pesquisadora da alma da mulher, amante de ópera, um modelo para seguir na profissão e na vida.

Aos meus professores da Universidade Favaloro, que me transmitiram a paixão pela neurociência.

Aos meus pacientes, que confiam em mim e me permitem entrar em suas vidas.

Às mulheres do grupo das terças-feiras, que, com sua sabedoria, me ensinaram tudo o que sei sobre dependências afetivas.

## PRÓLOGO

---

### **O MAL-ENTENDIDO AMOROSO**

POR SERGIO SINAY

“Está com o mal de amor”, costumava-se dizer de quem tinha o coração sangrando pela ferida de uma decepção, de um fracasso ou de uma impossibilidade afetiva. O mal de amor passou a ser uma descrição glamorosa da angústia sentimental. E, de passagem, entranhou-se em nossa cultura a crença e a aceitação de que se pode sofrer por amor. E também que se sofre, de fato, por causa disso. Essa crença, que, como todas as crenças, ganhou força de lei, tem rendido muito material aos poetas (bons e maus), romancistas (talentosos e medíocres), compositores (criativos e vulgares) e permitiu que muitos sofredores anônimos se convencessem de que, ao longo de suas vidas, amaram muito porque sofreram muito. No entanto, esse fenômeno foi de pouca serventia para o amor e, de fato, o desvirtuou. Porque quem sofreu muito sofreu muito, mas não necessariamente amou muito.

Entre todas as definições possíveis do amor, subscrevo a que o especifica como a capacidade de perceber o outro, de cuidá-lo, de ter empatia por ele. Quando em um relacionamento duas pessoas compartilham e trocam essa capacidade, criam amor. Porque o amor é uma criação, é a soma de atitudes, de experiências, de uma história comum, de um trabalho cotidiano.

Como diria Viktor Frankl, é a vontade de sentido, ou seja, a vontade de desentranhar o sentido da própria existência. O amor não é, então, nem magia nem sorte; não é algo que nos cabe ou não nos cabe (como se os vínculos humanos fossem um jogo de azar). O amor é fruto de uma atitude responsável frente ao outro.

Entendido dessa maneira, o amor é experimentado como uma energia reparadora, curativa, nutritiva. Dá significado, sentido e transcendência à vida. O amor não gera sofrimento, não fere, não é motivo de maus-tratos, não confunde as pessoas, não as menospreza nem as anula. E, sobretudo, é uma via de mão dupla. Amar e ser amado são dois fatos indivisíveis e simultâneos. E não se esgotam em palavras e declarações, mas podem ser verificados nos atos. Isso que acabou sendo chamado de mal de amor é, em todo caso, um mau amor. E o mau amor, sejamos sinceros, não é amor, ainda que use o seu nome.

Poucos trabalhos são tão oportunos e necessários, nesse contexto, como este livro de Patricia Faur: uma obra que, com uma linguagem precisa e sensível, com uma aproximação lúcida e, neste caso, sim, amorosa ao tema e aos seus protagonistas e doentes, desmitifica de maneira implacável esse processo pelo qual tantas pessoas caem na armadilha das obsessões, das fantasias, das ilusões, até o ponto de ficarem alienadas de si mesmas e submetidas ao outro (real ou imaginário, de forma voluntária ou involuntária) até perder os próprios limites, suas capacidades, seu discernimento, sua liberdade, sua saúde e, com frequência, a própria vida.

Este livro pode ser lido (eu o li assim) como um romance de suspense emocional. Sabemos desde o

começo que o desenlace será trágico e ainda assim não podemos deixar de ler. E mais, o desenlace está no começo, e vamos logo à procura das causas dele. Ingressamos, pelas mãos de uma autora que conhece o tema profundamente, nas zonas mais obscuras da psique, nas penumbras da consciência, nesse território misterioso da mente humana no qual fermentam as condutas mais inexplicáveis, as que podem transformar pessoas cheias de possibilidades e recursos em simples despojos. *Amores que matam* oferece explicações para o inexplicável. Como os Médicos sem Fronteiras, como os membros da Cruz Vermelha, Patricia Faur atua há muito nas trincheiras de uma guerra muda, a qual os meios de comunicação abordam apenas de forma esporádica e errônea, e que faz uma quantidade enorme de vítimas a cada dia. Como os grandes correspondentes, Patricia não é uma observadora impávida e ascética, não se limita a descrever, compromete-se com o sofrimento que conhece como ninguém porque recolhe os feridos, os ajuda a se curar, trabalha com eles, tem uma profunda empatia, os entende, não os julga. O resultado está nas páginas que se seguem. É um trabalho que será, não tenho dúvidas, obrigatório na hora de procurar entender a obscura trama da dependência afetiva e no momento de procurar desenredá-la com cuidado, com afeto, com tempo. Com amor do bem.

*Amores que matam* é um livro que fará muito bem a quem estiver preso numa armadilha afetiva sem saída aparente. Irá ajudá-lo a encontrá-la. Fará muito bem a quem tiver passado alguma vez por essa zona, será uma leitura reparadora. E será muito útil para quem trabalha com pessoas, para ajudá-las a sair desses pântanos

afetivos tão recorrentes e aos quais a nossa cultura não cessa de alimentar com falsas ideias sobre o amor. Pela experiência, pela capacidade de escutar e registrar, pela riqueza do seu pensamento, pela sensibilidade e pela qualidade de seu estilo de comunicação, poucas pessoas estão mais autorizadas do que a autora a se aprofundar no tema da maneira que ela faz aqui.

O amor, é preciso dizer, não aprisiona nem submete. O amor liberta. A leitura deste livro produz esse mesmo efeito.

*Sergio Sinay,*

OUTUBRO DE 2007.

## INTRODUÇÃO

---

Quando falamos de amor, é muito difícil que todas as pessoas se refiram a um mesmo significado. Com esse conceito, denominamos experiências tão diferentes como a ternura, a paixão, o apego, a posse, a obsessão, o ciúme, a amizade, o erotismo, a atração sexual. Para muitos, é a experiência mais importante e feliz de suas vidas. Para outros, é sinônimo de dor, sofrimento e agonia.

Os registros desse sentimento são tão diferentes que, ao tentar escrever este livro, eu tropeçava sempre na dificuldade de definir com precisão o tipo de amor a que iria me referir.

É que, a rigor, não falaremos do amor, do verdadeiro amor. Não falaremos do amor que atravessa as décadas com a ternura e a convicção de se saber querido por alguém. Não vamos nos referir ao amor sadio, que faz com que nos alegremos com a felicidade do outro. Tampouco se trata do sentimento no qual o ato de dar e de receber é recíproco e prazeroso.

Vamos nos centrar em algo mais parecido com o desamor, o mau amor, a obsessão, a dor de sentir que “morro por ele”, “morro sem ele” ou “morro com ele”. Trata-se de uma sensação que tem muito a ver com o abandono, o vazio, o medo e com um nível de

desamparo que leva muitas pessoas a se apegarem desesperadamente a alguém, sem se importar com quem nem de que modo.

Chamaremos de vínculos dependentes devido às semelhanças que possuem com a dinâmica de outras drogas. E falar de vício nos remeterá invariavelmente à dependência. Existem relações tão tóxicas quanto usar uma droga. Relações que acarretam dor e sofrimento e das quais não se pode sair, apesar do estrago que causam.

Há um grau de dependência doentia em que acreditamos não sermos nada sem o outro, em que essa outra pessoa é tão imprescindível para a nossa sobrevivência quanto um respirador artificial quando falta oxigênio. Este livro tratará dessas dependências afetivas. Desses vínculos nos quais “nos injetamos em alguém”. A relação apresenta-se então com os mesmos efeitos do impulso para o cocainômano, da ingestão para o obeso, da tragada para o fumante, do copo para o alcoólatra, da aposta para o jogador. Não se consegue viver sem ela e, ao mesmo tempo, é o caminho do inferno.

O modelo da dinâmica dos vícios nos proporcionou uma explicação para entender o fenômeno: muitas pessoas se aferram a uma substância, a uma pessoa ou a uma conduta para negar uma realidade emocional que lhes é intolerável. Não percebem que esse caminho as levará a uma realidade muito mais cruel. Beber para esquecer, fumar para sentir-se acompanhado, jogar para sentir-se poderoso, trabalhar para fugir do lar ou se relacionar afetivamente a qualquer preço para esquecer a solidão são apenas alguns exemplos do funcionamento dependente.